17º CONCURSO LITERÁRIO BEN-GURION

COLETÂNEA DAS OBRAS PREMIADAS

Poesia

Conto

Crônica

Depoimento

Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo.

2026

Sumário

Poesia Adulto

1º Lugar – Em Miniatura — Fabia Avital Atlântica Terni Leipziger

2º Lugar – A Anatomia do Retorno — Nira Broner Worcman

3º Lugar – Coexistir — Lilian Jucovsky

Poesia Juvenil

1º Lugar – Segunda após segunda — Sofia Schachter Kafel

2º Lugar – Perspectiva sobre a Paz — Laura Cymrot Sztutman

3º Lugar – Contos de Mares Infinitos — Sofia Schachter Kafel

Conto Adulto

1º Lugar – Memórias de Fez — Rodrigo Teofilo Mansur

2º Lugar – Caixa dois — Alexandru Solomon

3º Lugar – Súcubo — David Gonçalves Nordon

Conto Juvenil

1º Lugar – Eu, a Velha e a Tapeçaria — Hanna Strauss Ostrowiecki

2º Lugar – O antídoto da imortalidade — Diana Cymrot Sztutman

3º Lugar – Não bastam palavras — Gabriel Benadiba

Crônica Adulto

1º Lugar – O que eu não lembro — Carla Steinberg

2º Lugar – Irmãos — Rosana Abuhab Kovari

3º Lugar – Bamba — Caroline Blaj

Crônica Juvenil

1º Lugar – Pequenino — Hanna Strauss Ostrowiecki

Depoimento Adulto

1º Lugar – Uma Ilha de Nostalgia — Hugo Chusyd

2º Lugar – Papai Rock N' Roll — Daniel Henrique Biderman Goltcher

3º Lugar – O Migunit de R. — Bruna Charifker Vogel

POESIA – ADULTO

A poesia transforma sentimentos, memórias e experiências em linguagem, revelando novas formas de perceber o mundo. Nesta seção, reunimos as obras premiadas da categoria Poesia – Adulto da 17ª edição do Concurso Literário Ben-Gurion, celebrando a sensibilidade, a criatividade e a excelência literária de seus autores.

EM MINIATURA

Fabia Avital Atlântica Terni Leipziger

1º Lugar

❦

Em Miniatura

Há um nano cristal que brilha só um nano segundo; coisa de um novo mundo.

Um pedacinho de um átomo mede-se por nanômetros, um milionésimo de um milímetro.

São os novos anões da ciência, da Branca de Neve também, trabalham, trabalham, trabalham sem deixar nenhum sinal; invisível a olho nu, assim é um nano cristal.

Com a nanotecnologia vão surgir mini robôs que destroem mini micróbios, portadores de grandes doenças.

Grande alegria pras crianças tristezas em miniatura, saúde em dose gigante, rápido, num instante.

Quanto dura um nano segundo? muito menos que um instante. Não é alucinante?

A ANATOMIA DO RETORNO

Nira Broner Worcman

2º Lugar

❦

Nunca pensei.

Achei que a memória fosse suficiente para impedir a repetição do horror.

Achei que os nomes gravados em pedra, as fotos amareladas,

a criança fotografada de mãos erguidas, os mortos sem nome, os vivos tatuados, bastariam.

Mas o horror aprende a voltar.

Volta devagar, quase invisível, disfarçado de opinião, de piada, de silêncio.

Sentado à mesa do jantar.
E quando percebemos, já não se esconde.
O antissemitismo sai das sombras com a calma de quem encontrou companhia.
Ergue a voz.
Mostra o rosto.
Quer ser visto.
Reivindica o lugar.
Cresce nos espelhos que o aplaudem e devolvem um reflexo sem culpa.
E o mais assustador não é que ele exista outra vez
é quantos agora já não têm vergonha de caminhar ao lado dele,
com a certeza de que fazem o bem.

COEXISTIR

Lilian Jucovsky

3º Lugar

❦

Esse menino cor de oliva e pés no chão, clama e chora explicação.
Fosse ele loiro, olhos mar de outra nação.
Vem-lhe logo a questão?
Estaria aberto todo e qualquer portão?
Tão pequeno,
sonha alto.
Que toda pele caminhe em paz
lado a lado.
Coexistir não é favor
nem perdão.
É mundo melhor que nasce no amor, esperança, união.
No céu partido dois destinos, à direita "Gaza" e seu desatino. No outro, ele, menino
voa triste
rumo ao seu destino.- Liz Jardin

POESIA – JUVENIL

Uma nova geração de escritores revela sua criatividade, sensibilidade e capacidade de transformar experiências em poesia. As obras desta seção representam os destaques da categoria Poesia – Juvenil da 17ª edição do Concurso Literário Ben-Gurion, celebrando o talento e a originalidade de seus jovens autores.

SEGUNDA APÓS SEGUNDA

Sofia Schachter Kafel

1º Lugar

❦

Todo domingo a noite veste sapatos pesados e caminha em cima do meu peito.
O relógio continua normal, mas dentro de mim já é segunda-feira.
A cama me recebe, mas não me descansa. O travesseiro sabe quantas vezes viro o rosto tentando encontrar um lugar onde a ansiedade não me ache.
De manhã, alguém veste meu uniforme e vai no meu lugar.
Ela anda pelos corredores, segura caneta, balança a cabeça, responde quando perguntam,
sorri o suficiente pra ninguém perceber.
Ela senta na minha cadeira.
Abre meu caderno.
Copia a matéria que tem que copiar que não entram em nenhum lugar.
E eu?
Eu fico em algum canto invisível, assistindo tudo como quem olha pela janela da própria vida.
Meu corpo aprende horários, mas eu desaprendo presença.
Minha voz só existe quando alguém puxa o fio. O resto do tempo sou silêncio usando tênis.
Quando volto pra casa, trago um cansaço que não aparece em exame nenhum. Um cansaço de quem passou o dia
fingindo estar inteira.
Os livros me esperam como amigos pacientes na estante.
E isso dói mais do que deveria.
Porque eu amo ler.

Amo desaparecer em histórias que me devolvem pra mim mesma. Mas agora até isso anda ficando longe, como se alguém estivesse apagando as luzes da casa onde eu morava por dentro.

Não quero perder essa parte de mim. Não quero virar só agenda, prova, presença, olheiras, respostas curtas.

Não quero que meus pais olhem nos meus olhos e encontrem a rachadura que eu passo o dia cobrindo.

Então eu continuo.

Segunda após segunda.

Um pé atrás do outro.

Semana após semana.

E toda noite, quando finalmente poderia descansar, meu corpo cansado implora sono, mas minha mente, assustada, continua tentando prever o que vai acontecer nos corredores de amanhã.

Talvez a pior parte do cansaço seja essa:

nem dormir me deixa respirar.

PERSPECTIVA SOBRE A PAZ

Laura Cymrot Sztutman

2º Lugar

❦

Não existe paz no mundo
Então nem tente me convencer que
Paz importa
Porque no final
Tudo é briga e todos se odeiam
E eu não posso mentir dizendo que
Com esforço de todos não haverá guerra
E eu aceito que
As pessoas são melhores separadas
Nunca nada vai me fazer acreditar que
Paz é sempre melhor
Porque isso é mentira
“Paz não é suficiente para um mundo bom”

AGORA POR FAVOR LEIA DE BAIXO PARA CIMA.

CONTOS DE MARES INFINITOS

Poema inspirado na Odisseia de Homero

Sofia Schachter Kafel

3º Lugar

❦

Nos tempos antigos, onde as lendas nasciam,
Um homem seguiu onde as tempestades rugiam,
De coração audaz e espírito em paz,
Buscando um reino de muito tempo atrás.
Por perigos e tormentas teve que navegar,
Onde a noite eterna não deixava o sol iluminar,
Até onde o canto das sirenas hipnotizou enfim,
E os deuses observam de seus grandes tronos de marfim.
Por florestas antigas e labirintos de dor,
Cruzou as sombras onde reina o terror,
Ardiloso e paciente enfrentou cada desafio e lugar,
Pois em busca de seu lar, mudanças teve que aceitar.
E embora a jornada tenha anos durado,
Seguiu em frente, perseverante e ousado,
No fim, seu lugar ele pôde encontrar,
E com honra e amor ele soube voltar.
Então fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou
Do herói que em cada maré se perdeu e se achou,
Pois cada busca e viagem que o homem comanda,
É só um reflexo de onde o próprio coração anda.

CONTO – ADULTO

Nesta seção, reunimos as obras premiadas da categoria **Conto – Adulto** da 17ª edição do Concurso Literário Ben-Gurion. Os textos apresentados destacam a riqueza da narrativa curta, a construção de personagens, a originalidade dos enredos e a diversidade de estilos literários, evidenciando a criatividade e a excelência dos autores reconhecidos pela Comissão Julgadora.

MEMÓRIAS DE FEZ

Rodrigo Teofilo Mansur - Pseudônimo: Benny Chaim

1º Lugar

❦

Esta noite sonhei mais uma vez com a Fez da minha infância. Sentado nos joelhos da mamãe, na velha varanda de madeira voltada para a rua, olhando para os mascates que iam e viam desviando das pessoas nas vielas estreitas da Mellah. Me veio o cheiro das especiarias disfarçando o fedor que escapava do curtume do Vovô Nissim. Mamãe dizia que, até o fim da vida, uma pessoa nunca se esquece o cheiro da Mellah.

O sonho me trouxe aquela memória da viagem para Marrakech com papai. Eu tinha apenas dez anos e me achava muito importante por acompanhá-lo numa viagem de negócios. Mesmo sem imaginar que seria a última.

Sair da Mellah e visitar a estação já era um acontecimento. O movimento das túnicas brancas dos homens carregando suas malas ou empurrando seus carrinhos de madeira era um espetáculo visual. O apito do trem cortava o burburinho, que continuava assim que entrávamos na composição. Eu alisava o couro duro dos assentos no vagão, enquanto observava a família que se sentava à nossa frente. Estavam compartilhando tâmaras e azeitonas. A criança mais velha carregava uma gaiola onde uma galinha seguia com os olhos o movimento das mãos: do saco para a boca e da boca para o saco. Conseguia sentir a esperança do bicho de que um solavanco do trem arremessasse algo ao alcance do bico.

A minha viagem para Marrakech foi interrompida por uma batida na porta. Nem preciso atender. O homenzarrão de uniforme branco entra no quarto com um sorriso escancarado e se aproxima. Ele segura um potinho de plástico com dois comprimidos em uma mão e um copo d'água em outra. Pergunta se tive uma boa noite de sono. Coloco os comprimidos na língua e empurro goela abaixo com a ajuda da água. Ele pede para eu me deitar na cama e verifica a fralda geriátrica. Diz que preciso beber mais água e avisa que daqui a uma hora vem me buscar para o passeio no corredor. Busco com meus olhos o relógio no pulso, mas ele não está lá. Pergunto se ele viu o meu relógio. Ele responde que não uso relógio.

Quando o homenzarrão deixa o quarto, viro para a cômoda e abro cada uma das gavetas atrás do relógio. Em seguida, agarro o andador e sigo lentamente até a estante repleta de livros. Atualmente, as obras estão lá apenas de enfeite. Não leio mais desde que as letrinhas começaram a dançar e embaçar quando tento acompanhá-las. Mas só de passar os dedos pelos títulos, vem uma sensação agradável. O de capa de veludo vermelho, por exemplo, me lembra de Marrakech.

Marrakech é uma cidade vermelha e quente. Muito quente. Naquela época era de bom tom oferecer chá de hortelã para todos os visitantes e era uma ofensa impensável recusar a bebida. Não me recordo de quantas vezes queimei a língua e o céu da boca em todas as visitas de negócio acompanhando meu pai no Mellah de Marrakech, com suas casas de barro avermelhado. Meu pai abria a mala preta com as amostras de couro. Eu era o responsável por mostrar os quadrados de couro preto, marrom, branco e vermelho aos presentes enquanto papai apresentava suas propriedades e respondia as perguntas. Depois, minha função era retirar e guardar as amostras. Uma grande responsabilidade para um menino tão pequeno.

O livro com a capa de veludo vermelho cai no chão trazendo um estampido. Não lembro o que estava fazendo ali em pé. Também não consigo abaixar para pegar o exemplar caído com a capa e contracapa abertas agarrando o piso cerâmico marrom claro do chão. Resolvo voltar para a poltrona. Um passo de cada vez. E um arrastar do andador entre eles.

O estampido do livro pareceu um que ouvi poucos dias após nosso retorno a Fez. Era uma sexta-feira depois da escola. Meu pai entrou correndo batendo a porta atrás de si. Larguei meu carrinho de madeira e arame e fui atrás dele. Ele estava na cozinha, visivelmente abalado, segurando no antebraço da minha mãe que estava estática junto ao fogão. A única vez que senti medo nos olhos negros de papai. Ele falava tão rápido, atrapalhado, misturando árabe e francês, numa algaravia que deixava a cozinha soando como uma Babel. Anos depois fui entender que aquele tinha sido o dia posterior ao Pogrom de Oujda e papai estava contando sobre o assassinato do tio Simon. Mamãe caiu em prantos. E diante dos meus insistentes gritos para me dizerem o que estava acontecendo, ganhei um tabefe e uma ordem para me retirar ao meu quarto.

Outra batida na porta. Desta vez, entra no aposento uma linda mulher de profundos olhos verdes, pele tom de oliva e cabelos cor de carvão dos quais escapam alguns fios de prata. Seu semblante mostra duas linhas suavemente desenhadas correndo dos olhos até o queixo. Claramente, enxugou algumas lágrimas antes de entrar. Atiça minha curiosidade com um sopro de familiaridade. “Pois não?” – pergunto.

Em silêncio, ela se aproxima da poltrona e se agacha diante de mim. Suas mãos penteiam meus ralos fios brancos nos cantos da cabeça e sacodem a poeira nos ombros do casaco. Ela suspira, arrasta um banquinho ao lado da cama e se senta, colocando a pequena bolsa preta que carrega em cima dos joelhos.

Contou da Verinha que não veio dessa vez, pois tinha prova de matemática. Disse que me orgulharia ver as coisas que ela está escrevendo em francês. O Jacques conquistou outro torneio de tênis na faculdade americana. Ele brinca que talvez abandone a medicina, mas ela nunca deixaria. O Alberto teve uma reunião inadiável no escritório e não pôde vir, mas mandou um abraço. Era agradável ouvir todas essas histórias, mesmo sem saber quem eram essas personagens.

Abriu a bolsa e tirou uma fita cassete e uma foto. Disse que o Alberto tinha encontrado a fita essa semana ao arrumar umas caixas no quarto de hóspedes. A etiqueta do pequeno retângulo de plástico apresentava uma inscrição em árabe. Infelizmente, ela disse que não tinham um toca-fitas para ouvir as músicas. Mas achou que pudesse ajudar a relembrar algumas coisas do passado.

Do passado, me lembrei que, depois do pogrom, o Rei Mohammed V e os colonizadores franceses juraram defender os judeus, mas papai não quis esperar. Vendeu o curtume ao sócio francês e a casa para a congregação do rabino Moussa. Como a nossa família, muitas outras no Mellah prepararam as malas. A maioria embarcou rumo à França ou para um país novo de judeus chamado Israel. Papai escolheu o Brasil, onde a tia Fortuna vivia numa fazenda de café. Arrumou as passagens e pegamos o trem para Casablanca.

Não pude acreditar ao colocar as mãos na fita. A inscrição em árabe dizia: “Omri Ma Ninsak Ya Lalla”, de Samy Elmaghribi. Mesmo sem um toca fitas, comecei a ouvir a melodia suave do violino, da darbuka e do bendir. Quando chegou no refrão, cantei junto com Samy, o rei do chaabi marroquino: “omri ma ninsak, ya lalla”, nunca te esquecerei, minha dama.

A moça espeta os olhos verdes nos meus e pega na minha mão. Que mão lisa! Sem essas veias saltadas que serpenteiam como rios que não desaguam em lugar nenhum. Sem essas manchas e pintas que não formam desenhos nem padrões. Me lembra a mão de mamãe na nossa despedida no porto de Casablanca.

“Finalmente o navio chegou” – mamãe disse no passado e eu repito agora.

Sinto o aperto na mão. A moça volta a chorar. Ouço lá fora o barulho do trânsito ser abafado pelo som das ondas do Magrebe. Lá e cá, vejo a luz dourada e violenta da costa mediterrânea. Na minha frente, um brilho marejado de profundos olhos verdes. Desconhecidos e familiares

ao mesmo tempo. Talvez a vida seja essa constante sucessão de embarques e despedidas, permeadas por lembranças que vão surgindo, reconstruindo, ressignificando e desaparecendo. Como as dunas do Saara.

CAIXA DOIS

Alexandru Solomon

2º Lugar

❦

Tucidides

A ação, segundo um tataraneto de Heródoto, enrola-se num vilarejo distante, muito além do horizonte azul. Consta que lá ouve-se em dias de primavera o canto dos pterodátilos de volta depois de uma breve temporada nos trópicos.

Nunca ouviram falar nele? Decididamente, não sei se vale a pena continuar, mas como vivo disso, sei que devo fazer algumas concessões. Voltemos a esse quadro superficialmente bosquejado. Numa clareira, à sombra de árvores pré-históricos, o Sábio costumava reunir alguns discípulos reunidos mercê do trabalho do seu escravo Diógenes, que todas as manhãs, de vela em punho sob o sol do meio-dia, abandonava seu confortável barril, e saía à procura de um ser, eventualmente mais de um. Uma vez reunida a plateia, por um sistema de vasos comunicantes, o Sábio transmitia seu saber, usando a técnica do gotejamento.

Todos ouviam as palavras do mestre em respeitoso silêncio.

Galera, decorrido um semestre de andanças peripatéticas, estimo que é chegada a hora de pensar nos seus TCC.

Não quero me misturar com organizações interlopes – arriscou Optimistenko debaixo de seu vasto bigode.

Eu disse TCC, não PCC, meu caro. Trabalho de conclusão de curso. Nosso módulo III está no fim e falta apenas esse remate. Sobre o que versará seu trabalho?

Com as faces ardendo de uma mistura de vergonha com timidez Optimistenko arriscou:

Pensei escrever algo a respeito de fontes não convencionais de financiamento em uso no Turcomenistão.

Excelente ideia. As anotações feitas ao longo de suas pesquisas serão de extrema valia. Vamos discutir um pouco, antes de você me apresentar um esboço do seu trabalho. De acordo com as nossas regras do jogo, se posso assim me expressar, favorecem o trabalho em grupo. As sinergias resultantes dessa opção dispensam qualquer justificativas. Então já formou seu grupo?

Fi-lo, dileto mestre, eis a composição do time: Estragon, reputado pela sua paciência e o casal Perchik e sua esposa Hodel.

Prolfaças, reuniu um conjunto valoroso. Já têm um esboço do trabalho?

Depois de uma reunião realizada ontem começaríamos discorrendo um pouco sobre as marcenarias de um país distante e suas limitadas capacidades de produção.

Poderia explicar melhor?

Ficamos surpresos ao saber que o '*output*' – a produção, se prefere que evitássemos estrangeirismos -, se limita apenas a duas unidades produzidas: caixa um e caixa dois. Falta diversificação, escala produtiva, espírito animal dos empreendedores locais,

Não se precipitem, e, na medida do possível evitem diagnósticos apressados, que motivarão uma apreciação desfavorável por parte da comissão julgadora que tenho o privilégio de presidir.

Certo, mestre. Creio que devamos refrear essa tendência de colocar rótulos em tudo. Internamente, foi difícil chegarmos a um consenso. A maior resistência partiu de Hodel. Não mencionarei a cena conjugal, que levou Perchik a ameaçar abandonar o grupo.

Opti, vamos aos prolegômenos.

Obedeço. Pretendemos fazer uma abordagem pouco convencional, invertendo a ordem numérica dos produtos. Ou seja, iniciaremos com algumas considerações preliminares a respeito da segunda caixa, a caixa dois. E, como trabalho definitivo, pretendemos intitulá-lo "Uma introdução à caixologia"

Pegou o espírito da coisa. 87,4% das teses são introduções. Apenas um reparo, é "o caixa dois", Opti, se me permite esse tratamento!

Estranho, bizarro, extravagante! Essas mudanças de gênero nos deixaram confusos, mas magister dixit – o mestre falou. Só para firmar a noção existem O caixa e A caixa, certo? Algo a ver com o tal de epiceno? Caixa-macho e caixa-fêmea? Caixa-trans?

O assunto que escolheram, pelo que me foi dato entender, versará sobre o macho.

Tomara que não ganhe a pecha de discriminatório. Temo um possível cancelamento.

Colocaremos notas explicativas para explicar isso.

Mestre, explicativas explicando, que feio esse misto de colisão com tautologia!

Bravo, Opti! Receio que estejamos divagando. Vamos seguir o roteiro e comecemos pelo caixa dois. Sugiro que conceitue o conceito.

De novo, mestre?

Foi para verificar se estava prestando atenção.

Uma definição brilhante, magistral até, foi dada por um discípulo de Luca Pacioli:

trata-se de recursos não contabilizados. É um produto de marcenaria contábil, digamos assim. Quando uma empresa forma caixa dois? Quando, lassa de ortodoxia, vende sem nota ou quando paga valores inferiores ao oficialmente combinado, (com saída de caixa legitima e retorno a cargo da imaginação do infrator – no caso, são dois: o que paga menos e o que finge que recebeu o devido – maleta de dinheiro, carrinho de feira etc.).

Opti, você pode mencionar também sacolas e cuecas. Precisa ilustrar numericamente o segundo caso. A empresa compra um item, por exemplo um prendedor de gravata, recebe a fatura de 100, paga 37,50 e o vendedor fica satisfeito. A diferença é um dinheiro órfão. O prendedor ajudará a prender, se me passa essa.

No caso dos financiamentos de campanhas eleitorais – interveio Estragon, sempre a espera de algo ou alguém - as Picarechts da vida não faziam caixa dois a partir do superfaturamento como muitos foram induzidos a pensar. Não, Não três vezes Não. Superfaturamento é uma safadeza combinada entre corrupto e corruptor para pagar valores maiores do que uma obra ou serviço valem. Uma ponte sobre o rio Amu Darya cujo valor normal seria um milhão de Manats é faturada por dois milhões de manats.

Manats, Estra?

É a moeda do Turcomenistão. Com sua permissão, prossigamos. Esse valor entra no caixa da empreiteira, (recurso contabilizado), sendo consequência de um acordo de toma lá, dá pro papai em troca de qualquer "bobagem" (garantia de novos contratos, com ou sem formação de cartel etc.) e saída, claro, de uma grana para campanha, ou para algum mimo, uma cobertura com vista para o mar, algemas de ouro com brilhante, anel com um solitário , nem sempre um solitário anel, entradas para shows de música sertaneja etc.

De fato, é uma safadeza, mas não é caixa dois. É dinheiro resultante de algo combinado. Tudo em 'ordem'. Estra, de onde tiraram esse saber, ontem ainda mal sabia desenhar seu nome! Posso acrescentar que na visão do ETT – Extremo tribunal do Turcomenistão, esse dinheiro caracteriza corrupção. Continue.

Para dar uma saída "propínica" as empresas tinham de se virar de alguma forma. Contratos fajutos com papelarias inexistentes, com cervejarias amigas, com promoção de eventos culturais como, por exemplo, camelejadas.

O quê?

Farras do camelo, a exemplo das mais conhecidas, Farras do boi.

Vamos incluir esse neologismo no dicionário . Prossiga. Sou todo ouvidos.

Certo? Aí, sim, não pagavam o combinado, e a papelaria do Zé faxineiro falecido ou inexistente tinha a sua contabilidade arrebentada. Ousamos afirmar que ao invés das partidas

dobradas da contabilidade usual, teremos chegadas triplicadas. Follow the Money – sigas o dinheiro – e isso não deve ser tão complicado. Vejamos, se um partido gastou na campanha mais do que recebeu oficialmente, aí temos, sim, caixa dois. Mas as empresas podiam ter doado dinheiro do caixa (contabilizado) fruto de simpatia, extorsão ou alinhamento político *sait-on jamais*, vá saber.

Entendemos - e até Estragon admitiu - perfeitamente a lógica cínica de quem possa afirmar caso a aparência de sua contabilidade seja turva: ”Minha campanha não foi financiada com caixa dois. O “ingênuo” beneficiário dos mimos, sabe que haverá de favorecer uma empreiteira, mas o (mais ingénuo ainda) tesoureiro da campanha recebe um dinheiro quente e não há TSE que, pelo cheiro do cheque, TED, PIX ou outro instrumento, possa identificar (oficialmente) a origem malsã da doação. Pecunia non olet, dinheiro (mesmo sujíssimo) não possui cheiro já disse o imperador Vespasiano, fazendo alusão a um imposto sobre latrinas. Haverá a convicção do procurador, NÂO haverá provas. E mesmo que a empresa doadora use um recurso não contabilizado, como poderá alguém ser acusado de conhecer a origem impura dos recursos? Nesse ponto a segunda turma do Extremo tende a considerar que contabilizado ou não, há corrupção. Esse estribilho, se musicado, poderá dar uma bela marchinha carnavalesca em Ashgabat – capital do Turcomenistão. Contabilizado ou não, há corrupção (bis).

Daí, surgem protestos: Tudo que recebi foi dinheiro que registrei no tribunal eleitoral. Não só no tri, mas também no tetrabunal, (Podem delatar ad nauseam, o beneficiário dirá que para ele foi tudo legal. O advogado do delatado baterá nessa tecla até a morte. Se, contudo, o dinheiro foi para o sueco, o belga, ou o italiano. O suíno fêmea torce a extremidade da coluna vertebral. Se foi caixa dois ou caixa N é crime. O popular batom na cueca.

Opti, vocês estão indo bem, mas evitem essas expressões de péssimo gosto. O rigor analítico fica tisnado por esses tabuísmos.

Mestre, uma exposição oral, como estamos fazendo no momento, privilegia a linguagem coloquial. A forma final estará expurgada dessas expressões que feriram seus ouvidos sensíveis. Com sua permissão, Perchik prosseguirá a apresentação.

Claro que houve um acerto anterior, que a ponte ou o estádio custou à viúva mais do que uma concorrência limpa acarretaria, e se não foi o suficiente para aplacar a fome, para que existem os aditivos de contratos? Mas esse ‘detalhe’, mesmo se confessado, poderá no máximo (ironia) deslustrar a figura do político corrupto e do empreiteiro beneficiado posteriormente. A empresa retribuiu porque quis (foi no fio da *moustache*), o contraventor Friend, Titio, Gato de Botas etc., se recebeu foi através de pagamento a laranja, ou outra fruta cítrica que

repassou, mas a grana está em algum lugar seja ele móvel ou imóvel ou conta em paraíso fiscal. Ou se evaporou através de pagamentos sem comprovação. O partido X pagou ao marqueteiro Y e nenhum dos dois declarou. Terá sido empregado *bitcoin*, ethereum ou quejandos?

Resumindo: o financiamento de campanha não é (em geral) produto de caixa dois, foi produto de "operação estruturada" que beneficiou terceiros que repassaram a bufunfa – mordendo um pouco, pois não há sistema sem perdas, não é mesmo? É a segunda lei da Termodinâmica!

Não existe caixa dois benigno ou maligno! Se me passa a tautologia, caixa dois é caixa dois, - e vice-versa. Pode haver repasse de grana ganha indevidamente. Isso não é caixa dois. Pode haver repasse de grana lavada – e secada – e se quiser chamar de caixa dois, it´s up to you, como diria Shakespeare dirigindo-se a Oscar Wilde. É claro, retrucaria este: é possível resistir a tudo , menos à tentação. Com o risco de me tornar inconvenientemente repetitiva reafirmo: Se a empreiteira X ganhou uma concorrência por um preço absurdo – vivam os carteis – o 'plus a mais' é dinheiro contabilmente limpo, embora moralmente sujo. O caixa dois surge quando o departamento especializado contrata uma empresa de lanches por 1000 e paga só 100, resultando 900, agora sim, caixa dois. Ou financia nas mesmas condições um show, uma corrida de lesmas etc. etc. etc.

Hodel interveio:

Desde sempre, achei que limpeza é fundamental. Por isso lavo regularmente a rubashka do meu adorável e anarquista marido. Outros lavam dinheiro. Estamos indo bem, professor?

Acho que é precisam ser mais explícitos. Estão patinando no vago, incerto, hipotético. Será preciso refinar os conceitos, evitando ataques genéricos. - Mestre, – interveio Hodel – será difícil alcançar um n - Considero você bem papuda.

SÚCUBO

David Gonçalves Nordon

3º Lugar

❦

Edgar A. Lovecraft

As lendas falam de uma criatura terrível chamada Súcubo. Um ser mitológico que assume a forma de uma mulher e absorve a energia vital do homem por meio de relações sexuais.

Eu vi uma Súcubo. Mas não era dessa forma que ela agia.

Tudo começou com Jonas, um homem de 35 anos de idade que estava em sua casa, cozinhando, quando viu a Súcubo a primeira vez. Ele estava em pé, na ilha da sua cozinha,

com um cutelo na mão direita, segurando com a mão esquerda uma cenoura que fatiava cuidadosamente. Tec. Tec. Tec.

Subitamente, a Súcubo apareceu: uma mulher linda, de forma voluptuosas, totalmente nua. Jonas ficou inicialmente paralisado, encantado com a sua imagem diante de si; depois, voltou a cortar a cenoura. Tec. Tec. Tec. A mulher começou a se aproximar, andando lentamente em sua direção, cada uma de suas formas claramente visível sob a luz da cozinha. Tec. Tec. Tec.

A cenoura acabou; Tec. Tec. Tec.

Jonas teve uma sensação estranha; tentou mover o olhar para baixo, mas a Súcubo balançou a cabeça, prendendo-o com seu olhar, sem deixar que ele movesse a cabeça sequer um milímetro.

Tec. Tec. Tec.

O cutelo continuou a avançar; Jonas cortou a ponta de seus dedos, mas pareceu não se importar; seu coração batia forte, suas partes íntimas em ressonância, e seu olhar não se desprendia da mulher seminua que se aproximava.

Tec. Tec. Tec.

O cutelo avançava, inexorável. Ele progrediu pelos dedos, subindo pela mão e pelo punho, em golpes cada vez mais fortes para conseguir cortar as estruturas com a lâmina. Tec. Tec. Tec. Ele não desviava o olhar; não emitia um gemido. Sangue escorria de seu antebraço por toda a ilha da cozinha, respingando no chão.

A Súcubo se aproximava; Jonas respirava ofegante, o coração acelerado. O cutelo prosseguia: tec. Tec. Tec. A Súcubo se apoiou na ilha diante dele, inclinando-se para frente, os seios desnudos balançando, tentadores. O olhar de Jonas não desgrudava dela. Com uma força inexplicável, Jonas foi forçado a se inclinar, apoiando o cotovelo na tábua, enquanto o cutelo prosseguia: tec. Tec. Tec.

Ossos se partiam; sangue escorria. As fatias de seu braço permaneciam jogadas ao lado das fatias de cenoura na tábua. A Súcubo sorria, lambendo os beiços. Tec. Tec. Tec.

Ela se inclinou mais, apoiando os seios e a cabeça na mesa; Jonas fez o mesmo, apoiando todo o braço, até a axila, sobre o tábua ensanguentada. Tec.

Tec. Tec.

A Súcubo arreganhou os dentes.

Sua esposa chegou pouco depois, encontrando-o caído no chão, em uma poça de sangue, o braço ensanguentado, os restos dele fatiados sobre a ilha da cozinha.

Jonas foi levado ao pronto-socorro; uma cirurgia de emergência, várias transfusões de sangue, e o homem foi salvo. Sua mente e sua alma, porém, nunca se salvariam; ele não conseguia

explicar o que havia acontecido. Por que fizera aquilo com o próprio braço? Não sabia dizer. Tentou explicar da mulher que vira, mas foi em vão; todos pensavam que estava louco.

Retornou para casa e foi orientado que ficasse de repouso.

Dois dias depois, a Súcubo reapareceu; Jonas estava sozinho no quarto, dormitando no meio da tarde, quando algo o acordou. Ele abriu os olhos para encontrar novamente a mulher, totalmente nua, sobre si, a boca sobre a sua, ameaçando roubar um beijo. Jonas ficou aterrorizado; mais uma vez paralisado, sentiu a mulher sair de cima de si. Ela foi em direção à porta, e ele observou suas nádegas desnudas balançando a cada passada, direita, esquerda, direta, esquerda.

Jonas se levantou, hipnotizado, e foi atrás dela, o que sobrara do braço esquerdo ainda em um curativo. Ela o levou pela cozinha até a porta da garagem; ele acendeu a luz para enxergar. Ela estava parada, com as pernas entreabertas, sobre o machado que usava para cortar lenha. Jonas não hesitou; pegou o machado e se sentou no chão. A Súcubo permaneceu diante dele, exatamente na mesma posição, e ele ergueu o machado. Tchac. Tchac. Tchac. Seu pé esquerdo voou para o lado, o sangue escorrendo sob si, a Súcubo, com todas as suas formas, sorrindo e lambendo os beiços. Tchac. Tchac. Tchac. Os ossos da perna se partiram, e pedaços foram lançados para cá e para lá. Jonas não conseguia desgrudar os olhos da criatura diante de si, embasbacado com seus olhos azuis, seus cabelos pretos e lisos, seu corpo escultural, os seios perfeitos…

Tchac. Tchac. Tchac. O joelho se soltou. Ele avançou até a coxa. Depois, o machado prosseguiu, inexorável, para o outro lado. Ele se sentia fraco, mas não podia parar; algo o impelia em frente, aquele olhar daquele ser diante si, cada vez mais próximo, mais próximo…

Sem equilíbrio, ele caiu para trás; arrastou-se para a parede, cada vez mais pálido, o sangue escorrendo como um rio do que restara de sua coxa esquerda e o tornozelo já amputado da direita. Tchac. Tchac. Tchac. Ele continuou, cada vez mais rápido, antes que fosse tarde demais. Tchac. Tchac. Tchac.

A Súcubo sorriu; com ele encostado na parede, ela se sentou em cima dele, segurou-o pelo pescoço a começou a aproximar seu rosto mais uma vez.

Jonas resistiu por muito pouco. A cirurgia foi complicada, ele foi para a UTI e, depois, para um quarto de enfermaria. Nem sua esposa, nem seus familiares, nem ninguém conseguia compreender o que estava acontecendo com ele. Ele falava da mulher, mas ninguém acreditava. Ele tinha medo dela, mas, ao mesmo tempo, ansiava que voltasse, ansiava que concluísse seu trabalho.

Duas noites depois, quando ele estava sozinho no quarto do hospital, ela apareceu; a luz da lua cruzando pela janela a iluminava, deixando seu cabelo mais brilhante, acentuando suas formas. Estava mais bela e mais irresistível.

Restava-lhe o braço direito; sem hesitar, Jonas levou a mão à boca. Nhac. Nhac. Nhac. Arrancou um dedo, que jogou sobre a cama. Nhac. Nhac. Nhac. Foi-se outro. Assim prosseguiu, e a cada mordida a Súcubo se aproximava mais e mais. Nhac. Nhac. Nhac. Não tinha forças para arrancar o braço como fizera com o cutelo, mas poderia continuar mordendo e mordendo, a criatura se aproximando, subindo na cama, deitando-se sobre ele, até que…

Quando o técnico veio fazer a medicação no meio da madrugada, encontrou Jonas em um estado deplorável. Havia pedaços de seu braço por todo o quarto, sangue espalhado por toda a cama, o seu membro superior nada além de um amontoado de ossos, ainda presos ao seu tórax.

Foi a sua terceira cirurgia. Já sem os dois braços e as duas pernas, Jonas estava preso a um leito, todo enfaixado, como um sobrevivente de guerra. Como ele parecia propenso a ter um novo surto a qualquer momento, eu fui chamado para me sentar diante dele e ficar de guarda. Esta era minha única tarefa: garantir que o homem não se machucasse novamente.

Eu não conseguia compreender o que estava acontecendo e perguntei para Jonas por que ele tinha feito tudo aquilo; sem hesitar, ele me contou tudo o que lhe passara, sem conseguir explicar o que o fizera se machucar daquela forma. Não era como se a mulher ordenasse algo: ela não falava absolutamente nada!

Eu não acreditei. O homem deveria estar louco! Não era possível! Seres sobrenaturais não existem, ainda mais algum com um poder como aquele! Naquela noite, eu fui despertado por um barulho; abri os olhos, mas não podia me mexer.

Na cama, sobre Jonas, pude ver as formas de uma mulher, totalmente nua, de cabelos negros, mexendo-se sobre ele. Jonas gemia e ofegava, conforme a mulher arrancava pedaços de seu corpo. Subitamente, ela parou, ajoelhada, com as nádegas voltadas para mim, e se virou; eu pude ver seus seios balançando, manchados de sangue, e seus olhos azuis penetrantes, que congelaram a respiração em meu peito.

Ela engoliu o que tinha na boca; lambeu os beiços; e sorriu para mim.

- Você é o próximo – ela sussurrou.

E depois voltou ao trabalho. Eu assisti a tudo, aterrorizado. Não tive escolha; não podia gritar, não podia me mexer, não podia sequer fechar meus olhos.

Entraram no quarto pela manhã, para encontrar o cadáver de Jonas, repleto de mordidas. Eu estava preso na cadeira, como que por encantamento, e a muito custo conseguiram me tirar de meu estupor.

Escrevo estas linhas, porque é tudo o que me resta. Estou sozinho em meu quarto e aguardo as horas até que a Súcubo chegue. Estou aterrorizado; espero que ninguém venha ao meu resgate, que ninguém a veja.

Mas, ao mesmo tempo, estou ansioso.

Venha, Súcubo. Mal posso esperar.

CONTO – JUVENIL

Nesta seção, reunimos as obras premiadas da categoria **Conto – Juvenil** da 17ª edição do Concurso Literário Ben-Gurion. Os textos apresentados revelam a criatividade, a imaginação e o talento de jovens autores, que exploram diferentes narrativas, personagens e universos ficcionais. As histórias aqui reunidas demonstram a capacidade da literatura de despertar reflexões, emoções e novas perspectivas, valorizando o incentivo à leitura, à escrita e à formação de novos escritores.

EU, A VELHA E A TAPEÇARIA

Hanna Strauss Ostrowiecki

1º Lugar

❦

Todas as manhãs, a caminho do trabalho, eu passo em frente a uma loja de antiguidades. Por curiosidade, decidi entrar e ver o que ela tinha a oferecer. O ambiente me lembrou das tardes de infância na casa de minha avó, com um cheiro familiar de couro misturado com incenso. Entrei. Havia uma tapeçaria pendurada em uma das paredes que me chamou muita atenção. Era uma cena de caça, com árvores densas, sombras enormes e, no fundo, uma figura correndo entre a vegetação. Não sei explicar exatamente o porquê, mas senti um desconforto imediato, como se aquela imagem fosse parte da minha vida. A floresta era muito parecida com a que eu atravesso todos os dias a caminho do trabalho, e ao me aproximar mais ainda da obra, senti o impulso de dedilhar meus dedos por sobre a tapeçaria, e cada detalhe que ela trazia em sua história.

Bonita, não é? - Disse uma voz atrás de mim.

Virei-me e enxerguei uma velhinha de olhos atentos demais para alguém aparentemente tão frágil. Eu apenas concordei com a cabeça.

Ela sempre encontra quem precisa dela - completou, com um sorriso leve, e ao mesmo tempo com um toque de perversidade. - Prazer, sou a dona da loja.

Fiquei mais uns minutos parado em frente a tapeçaria. Saí dali inquieto. No dia seguinte, passei novamente em frente à loja… e entrei. Foi como se a tapeçaria me puxasse para dentro outra vez. Mas havia algo diferente. A figura que antes parecia distante agora estava mais próxima, quase no centro da cena. Parei por alguns segundos, tentando lembrar se aquilo era realmente novo ou apenas impressão minha. Fiquei pouco, algo me incomodou e não sabia explicar…

No dia seguinte, novamente, no caminhar para o trabalho, parei em frente ao antiquário. segurei meu impulso de entrar, mas repeti essa ação por vários dias.

Até que não consegui mais me segurar. Entrei. Tinha ainda um tempo. Fiz esse processo por alguns dias. A cada visita, uma mudança. Pequena, mas real. As árvores pareciam se fechar, a figura corria com mais urgência, e, aos poucos, comecei a perceber um detalhe que fez meu estômago gelar. O rosto daquela figura era o meu. Não consegui dormir naquele dia e decidi que voltaria à loja e descobriria o que estava acontecendo. Esperei até o fim do expediente e me escondi atrás de um armário antigo. A velha apagou as luzes e trancou a porta. O silêncio tomou conta do lugar. Foi então que ouvi um leve sussurro, como o vento passando por folhas. Olhei para a tapeçaria. Ela se movia. Não como um tecido balançando, mas como uma cena viva. Às árvores tremiam, a luz mudava e eu corria desesperadamente olhando para trás.

Agora você vê - Disse a velhinha, surgindo atrás de mim.

Tentei me virar, mas não consegui desviar meu olhar nem por um segundo da cena.

Isso não é possível - Murmurei.

É inevitável - Respondeu ela - Essa tapeçaria não mostra o que foi. Mostra o que está para acontecer.

Saí correndo da loja, e de tão assustado, corri para dentro da floresta. Enquanto eu me afastava da rua, segui olhando para trás com medo da velha estar me seguindo. De repente, sinto meu pé bater em algo, e logo depois, meu corpo inteiro se projetou para frente. Escutei um “crack” doloroso. E foi então que minha visão escureceu, e houve um silêncio ensurdecedor.

A velhinha estava lá, às 6 da tarde, em ponto, para o enterro do homem. Logo depois, voltou a sua loja e admirou a tapeçaria. A imagem do homem caído entre as árvores preenchia a obra, pálido, e com a cabeça entortada. Mais um para a coleção dela.

O ANTÍDOTO DA IMORTALIDADE

Diana Cymrot Sztutman

2º Lugar

❦

Faltam apenas 4 horas para Mauro descobrir se a vida dele foi toda à toa e inútil. Durante os últimos 74 anos Mauro não fez nada além de estudar, ele não sai de casa e seu único contato com o mundo exterior é o entregador de pizza. Até dormir ficou de lado, enquanto o seu laboratório virou seu único lar. Mauro completou 82 anos semana passada, mas óbvio que ele não celebrou, afinal estava muito focado na reta final do seu experimento.

Aos 5 anos Mauro ficou órfão, foi morar com a sua avó que não estava mais lúcida. Ele abandonou a escola e passou todo o seu tempo devorando os livros cobertos de poeira que falavam tudo de química que existia. Quando Mauro completou 8 anos, ele leu em um livro que a chave para a felicidade é a imortalidade. Nesse momento a vida teve propósito e ele descobriu o sentido da vida. Após tantos anos de solidão e tristeza ele podia ser feliz novamente, ele só precisava encontrar a imortalidade.

2 horas! Mauro mal podia acreditar que ele finalmente ia encontrar a felicidade. 74 anos de estudos profundos iam valer a pena. Ele criou um antídoto que modifica o DNA e faz com que o corpo nem a mente possam estragar ou envelhecer, desta forma te permitindo ser imortal.

Pronto! O alarme do forno nunca tinha soado tão bem. Mauro tirou o antídoto e sem hesitar bebeu um litro do líquido. No mesmo instante ele começou a tremer e acabou adormecendo. Afinal, a edição do DNA era complicada e dolorosa, mas valeria a pena. Mauro acordou rejuvenescido, se sentiu como um adolescente de 16 anos. Seus cabelos brancos desapareceram e os joelhos voltaram a funcionar! Ele podia até pular. Ele se sentiu jovem e com energia, mas ele não estava feliz.

Poder correr, se alongar e pular era divertido, porém apenas na primeira meia hora. Mauro então resolveu sair de casa, algo que não fazia há mais de 70 anos. A luz! Ele tinha se

esquecido do quão forte era o sol. Mauro não pensava em outra coisa que não fosse, o que é todo esse barulho? As ruas foram dominadas por milhares de carros. Até olhar para o céu era difícil com a quantidade de prédios que cobriam a cidade. O

barulho ensurdecedor da sirene de uma ambulância foi o que Mauro precisava para voltar o mais rápido possível para sua casa e nunca mais sair.

Quando Mauro ficou seguro e digeriu o que tinha acontecido, ele ficou mais triste do que antes, pois agora ele não só viveria para sempre como também perdeu seu propósito de vida. O pior de tudo foi que ele tinha encontrado a imortalidade, mas não a felicidade. Mauro não tinha com quem compartilhar risadas e choros, ele não tinha com quem compartilhar a vida. De que adianta desafiar a morte se você ficará para sempre sozinho? A imortalidade que era para ser uma benção, para Mauro virou uma maldição.

NÃO BASTAM PALAVRAS

Gabriel Benadiba

3º Lugar

❦

Um casal nobre de cientistas em 2006, renomados. Especializados em neurologia e psicologia, extremamente ricos. Abriram um laboratório para testes humanos e resolveram que o primeiro teste seria reproduzido no próprio filho.

A proposta do teste era testar a mente humana de uma forma nunca testada antes. O risco de depressão era alto durante o processo de testes, mas os cientistas estavam cientes disso.

Desde nascido o bebê, seria educado normalmente, teria uma vida extremamente saudável e, para o experimento acontecer, ele precisaria ser alfabetizado fluentemente. Tudo isso aconteceria em uma biblioteca enorme, contendo quase todo o conhecimento humano, todos os livros já escritos mas, sem ilustrações nem cores além de branco e preto. A biblioteca teria essa temática completamente neutra para não interferir no experimento. A capa dos livros seria reduzida apenas ao nome do livro e o autor, escritos em preto ao fundo branco.

Então, quilômetros e quilômetros de biblioteca branca. Não poderia escutar nenhuma música, apenas recitar poemas de livros. Sem piadas, apenas recitar de um livro de comédia.

Mas qual era o objetivo desse experimento? Manter alguém nessa situação só levaria a sofrimento. Errado. O objetivo desse experimento era ver até onde o ser humano pode progredir sem as imagens, as cores, as tão bonitas formas refletidas no olhar. Até quanto o ser humano sabe sem ver, conviver em sociedade?

Os dois cientistas decidiram que iriam expor o ser a sociedade quando o fizesse 20 anos de vida completos. Exatamente na mesma hora, minuto e segundo de 20 anos após seu nascimento seria exposto ao mundo.

O teste se iniciou. O bebê nasceu e já seria colocado na biblioteca. Lá teria as melhores aulas com os melhores métodos de alfabetização. Aos cinco anos, já sabia ler livros adultos de linguagem formal em um dia. Aos sete anos, sabia toda a tabuada até o cem. Aos oito anos, era como se estivesse no nono ano. Aos dez anos, o ser tinha mais conhecimento que todas as enciclopédias do mundo. Aos 12 anos, sabia todas as fórmulas matemáticas já existentes e poderia calcular a rota de um foguete. Aos treze anos, já estava formado em economia. Aos catorze anos, teria milhares de amigos e saberia como manter a relação social perfeitamente. O mais impressionante do teste era que o ser era extremamente feliz com o que tinha. Aquela biblioteca era a casa dele. Ele nunca teve problemas lá dentro. Aos quinze anos, contaram a ele que seria liberado para o mundo aos vinte anos. Com isso, o ser soube que veria finalmente uma imagem aos vinte anos, mas não queria que fosse uma total surpresa. Então ele passou os próximos cinco anos apenas estudando descrição de imagem e tentando imaginar as cores e as formas.

Finalmente, a hora mais esperada da vida dos grandes cientistas chegou. O ser fez vinte anos. Então ele foi direcionado a uma sala de cinco por cinco metros com uma porta comum bem em sua frente. Porta branca com uma maçaneta branca.

Então os tutores dele falaram que ele podia abrir a porta quando quisesse. Ao perceber a situação, o ser se perguntou se realmente valia a pena abandonar sua antiga vida. Sentiu uma dor no peito que nunca havia sentido antes era o medo. medo da sociedade que foi tão mal falada nos livros sobre a humanidade. Medo de se apaixonar e não ser correspondido. Medo de não gostar do mundo como ele é. Será que os livros estavam certos? Logo percebeu que o que lhe faltava era coragem. Ou ele vivia em um mundo que não gostava, ou não vivia. Ou viveria em um mundo que sim gostasse. Essa conclusão só seria tirada se ele abrisse a porta. Enfim ele abriu.

Atrás da porta existia uma grama verde nutrida. Parecia ser pintada de tinta por D'us. A frente, iluminada pela amarela luz do Sol, suas raízes subiam do chão formando seu caule grosso marrom imperfeito, que dava a origem a um punhado de

galhos apontando cada um em uma direção, coberto de folhas mais verdes que tinta. O ser logo reconheceu. Uma árvore.

O ser indignado, foi com muita calma e se sentou abaixo das folhas, encostou suas costas no caule… e chorou. Chorou o equivalente a três litros de água, por três horas inteiras. A árvore

era tão linda que o ser não queria nem conhecer o resto do mundo. Ele queria ficar ali, encarando ela vinte e quatro horas por dia. Após terminar de chorar, concluiu e falou:
— Não bastam palavras.

CRÔNICA – ADULTO

Nesta seção, reunimos as obras premiadas da categoria **Crônica – Adulto** da 17ª edição do Concurso Literário Ben-Gurion. Os textos apresentados revelam diferentes olhares sobre o cotidiano, transformando acontecimentos, lembranças e reflexões em narrativas marcadas pela sensibilidade, pelo humor e pela observação da experiência humana. Cada crônica evidencia a riqueza desse gênero literário, capaz de encontrar significado nas pequenas histórias da vida e aproximar o leitor de realidades e sentimentos compartilhados.

O QUE EU NÃO LEMBRO

Carla Steinberg

1º Lugar

❦

As cortinas de tecido claro eram quase impotentes contra a claridade que inundava a sala. O sol das primeiras horas do dia na Lagoa da década de 80 não devia em nada ao dos tempos atuais de aquecimento global. No cantinho de uma estante antiga, uma vitrola tocava A-ha, enquanto nós três coexistíamos, esparramadas no chão de piso frio. A minha irmã me desafiava para mais uma rodada de jogo da memória, enquanto a mamãe, compenetrada, avançava em seu livro.

- Mamãe, que horas ele chega? Eu arrisquei perguntar mais uma vez, convencida de que a minha insistência poderia abreviar o tempo que faltava.

Ele estava sempre viajando. Mas a cada volta, trazia na mala novos pares de tênis, um para cada filha. Lembro de me divertir quando ele pedia para a gente subir descalça em folhas de papel, posicionadas cuidadosamente lado a lado no chão. Depois, ele vinha com uma canetinha colorida, contornava os nossos calcanhares, os dedinhos e *voilà*: estava pronto o molde portátil dos nossos pés. Com essa tática infalível não tinha como não dar certo. Exceto quando dava errado, o que significava meses andando com cuidado para que o sapato não escapasse.

Mas daquela manhã de sábado, mais do que memórias visuais, guardo bem o que eu sentia. Uma alegria infantil misturada com a ansiedade de que ele entrasse logo por aquela porta. E quando a porta finalmente se abriu, ele me pegou no colo, me abraçou e me colocou sentada nos seus ombros. Não, acho que estou confundindo. Isso é uma foto que ainda tenho guardada

por aqui, em algum lugar. Não lembro de ele chegar nesse dia. Não lembro dele naquele apartamento.

E isso é tudo. Por mais que eu tente reconstruir cenas daquela configuração familiar, a verdade é que para mim, ela nunca existiu. A mamãe diz que a falta foi tão grande que, ao invés de gritar, meu corpo resolveu protestar ficando doente por mais de um mês, sem descanso. De novo, me faltam lembranças disso e de qualquer grande trauma. A cronologia sempre pareceu natural: padrasto, namoradas, madrastas, meio irmãos, um cachorrinho novo. As férias divididas entre Rio e São Paulo. A certeza de que se me casasse, um dia também terminaria tudo bem e de forma civilizada. Mas terminaria.

D. me disse uma vez que estranhou quando contei isso para ele. Foi logo no início, ele falava sobre a relação de 4 décadas dos pais. E eu interrompi para comentar que não acreditava em nada daquilo. Brigamos. Talvez tenha sido a primeira vez. Mas às vezes, penso que o nosso tempo juntos é, na verdade, o que vivemos nos intervalos dessa briga que nunca acaba. Pequenos hiatos de paz, que são logo interrompidos pela mesma questão que permeia a minha existência. Afinal, será que o amor não passa de uma grande justificativa para ficar?

Você deixou de me amar? O D. me pergunta. Não - respondo. Não sei - penso. É possível que sim. Ou será de novo aquele ímpeto da autoprofecia que me faz querer partir? Procuro de novo por aquelas memórias que me faltam. As que, numa brincadeira de infância, escondi e não consegui mais encontrar. Talvez fosse muito cedo. E agora já seja tarde. Que diferença faz saber que existiram se não posso lembrar?

IRMÃOS

Rosana Abuhab Kovari

2º Lugar

❦

Nascemos e crescemos muito próximos. Vivemos juntos toda a infância e parte da juventude. Nossos irmãos são o nosso mundo, as pessoas mais importantes.

Se são mais velhos, são nossos heróis, nosso farol. Queremos imitá-los e ter toda a sua atenção. Se são mais novos, queremos ensinar, proteger e orientar. Somos grudados — afinal, são eles que estão conosco desde sempre.

Quando o mundo ainda era pequeno e cabia dentro da mesma casa, pensávamos parecido, vivíamos em sintonia. Mas o tempo passa, e as coisas mudam. Crescemos de verdade e percebemos que já não somos só nós. Agora pensamos e agimos diferente.

Cada um segue seu caminho, constrói sua casa, sua própria família. Já não somos mais tão centrais. Novas pessoas entram em nossas vidas — e nas deles — ocupando espaço no tempo e no coração. E assim, vamos nos dividindo.

A linha que nos unia começa a se esticar, nos levando para mais longe. Os encontros ficam raros, as ligações diminuem, os interesses mudam. As urgências são outras. Aquela presença constante vai se tornando ausência silenciosa.

Quando percebemos, já não estão mais nos pequenos momentos, nos aniversários. Outras pessoas passam a ocupar seus lugares à mesa.

São nossos pais que ainda nos mantêm próximos — os almoços, os cuidados, os encontros. Mas… e quando eles se forem?

Também há nossas diferenças, que insistem em nos afastar — e, muitas vezes, conseguem. Existe, lá no fundo, uma competição boba que nos impede de realmente ouvir o outro. E assim perdemos um tempo precioso.

Ainda assim, quando nos encontramos, há sempre alegria. Um sorriso surge sem esforço — herança dos tempos de antes, que a memória se recusa a apagar. Por um instante, o elo parece se restaurar. Conversamos, rimos, nos abraçamos… mas, ao nos despedirmos, a chama volta a diminuir.

O amor permanece, guardado no peito, mas já não se manifesta como antes. Queremos reviver a relação de ontem, mas os assuntos atropelam os sentimentos. Acabamos nos ferindo, a eles e a nós mesmos.

Já não somos os mesmos. Ainda que irmãos.

Que pena.

BAMBA

Caroline Blaj

3º Lugar

❦

Onde nasci, nenhum cachorro era bem-vindo. Existe uma crença naquelas ruas de que os anjos não entram nas casas onde há cães, e então ficamos para o lado de fora de tudo: das casas, dos prédios, das misericórdias.

Alguns me jogavam pedras. Outros me chutavam sem raiva, quase por costume, como quem afasta algo que não deveria existir.

Cresci aprendendo o que filhotes de rua aprendem antes de qualquer outra coisa: barulho alto significa correr sem olhar pra trás, comida precisa ser engolida depressa porque desaparece, e a diferença entre uma mão aberta e um pé levantado é a diferença entre um dia bom e um dia ruim.

Foi numa manhã qualquer que ela apareceu. Uniforme verde, cabelo preso com um elástico que já tinha vivido dias melhores, carregando coisas nas costas e nos ombros, com o passo firme de quem não sabe onde está pisando, mas sabe onde quer chegar. Eu a observei de longe, como sempre faço. Mas ela parou.

Me olhou.

Não era o olhar de quem está com pressa. Era o olhar demorado, o que desce até o chão onde você está e fica lá um segundo a mais. Havia nela uma leveza que não combinava com a farda nem com o peso de tudo ao redor. Não era ingenuidade. Era o outro tipo de leveza, o mais raro: o de quem sabe exatamente o que está acontecendo e ainda assim escolhe a gentileza como postura.

Ela me olhou por um bom tempo naquele primeiro dia. Eu sentado, ela de joelhos na minha frente, os dois nos encarando com aquela seriedade de quem está prestes a tomar uma decisão importante. Então ela abriu um sorriso largo, apontou pra mim e gritou, como quem acabou de resolver um problema que estava na ponta da língua:

Como o salgadinho. Aquele de amendoim, cor de caramelo, que israelense come desde bebê. Ela disse que eu tinha exatamente aquela cara. Não sabia o que era um Bamba naquela época. Hoje sei, porque já roubei da bolsa dela pelo menos meia dúzia de vezes, e posso confirmar: a comparação é um elogio.
Ela me pegou no colo, e no seu abraço quente eu adormeci.

Hoje eu moro no terceiro andar de um prédio que tem desenhos na parede, em um bairro que não consegue decidir se é boêmio ou elegante. As escadas rangem no segundo e no quinto degrau, detalhe que uso com sabedoria quando quero chegar antes dela na porta para sair. O apartamento é pequeno e cheio de vida: livros empilhados em lugares que não são estantes, uma manta cor de mostarda no sofá que é tecnicamente de todo mundo mas na prática é minha, um vaso de manjericão no parapeito da janela que ela rega toda manhã com seriedade de ritual.
No meio da sala, cobrindo boa parte do chão de cimento aparente, existe um tapete persa. Vermelho escuro com detalhes em azul e dourado, desbotado de um jeito que só os anos fazem. Tem uma franja numa das pontas que eu já tentei morder algumas vezes e fui repreendido com uma firmeza que me ensinou: esse tapete não é qualquer tapete. “Esse é o tapete da Naneh, Bamba. Pode esquecer!”
A avó de minha humana nasceu em Teerã, onde os judeus persas viviam há mais de dois mil e setecentos anos, uma das comunidades mais antigas do Oriente Médio. Eram integrados e tinham raízes tão fundas que pareciam impossíveis de arrancar. Em 1979, o regime confiscou propriedades, congelou contas, proibiu passaportes. Judeus foram executados. Milhares fugiram de forma clandestina, sob risco de morte, porque ficar havia se tornado mais perigoso do que ir embora no escuro.
A “naneh” foi uma delas. Saiu com pouco. E entre as poucas coisas que atravessaram a fronteira junto com ela estava esse tapete, enrolado e amarrado com uma corda, carregado no colo. O tapete chegou a Israel porque Israel existia para receber quem não tinha mais para onde ir. Eu aprendi isso em uma das conversas que a minha humana tem comigo como se eu entendesse cada palavra. E, eu, na verdade, entendo tudo. Só não sei dizer de volta. E mesmo se pudesse responder, o que eu diria? O que falar quando ela se pergunta, nas noites em que o apartamento fica quieto, se os filhos que quer ter ainda vão precisar se fardar? Se essa será a herança que passa adiante ao invés do tapete? Eu só faço o que

sei fazer melhor: me aproximo mais, coloco meu peso quente do lado dela, e ela para de falar sozinha e começa a fechar os olhos para adormecer.

que na primeira vez que ouvi, congelei no meio da sala com o brinquedo de frango na boca.

Minha humana parou tudo, pegou a bolsa pequena que fica sempre pendurada perto da porta, documentos, carregador, petisco meu, chave: “yalla, Bamba”.

O abrigo fica no prédio do outro quarteirão, virando à esquerda na esquina com a banca de flores que toda sexta-feira vende flores cor de laranja. Aprendi o caminho na segunda vez. Na terceira, já ia na frente.

É um cômodo no subsolo: paredes de concreto grosso, luz fria de neon com cheiro de pessoas que já estiveram lá antes muitas vezes.

E então, os vizinhos chegam.

A senhora do segundo andar me chama de “chamoudi” e me coça atrás da orelha. O casal do quinto chega com o bebê, exaustos, os três. O homem de barba grisalha senta na mesma parede de sempre, abre o mesmo livro de sempre, na mesma página de sempre. Olha através das letras.

Minha humana pousa a mão no meu pelo sem perceber, aquele gesto automático de quem precisa sentir algo vivo do lado. Faço-me pesado, sólido, presente. Ela solta a respiração presa. E então, o barulhos das explosões param.

A rua tem sempre aquele segundo de silêncio depois do sirene, mas logo a vida recomeça: um carro passa fazendo barulho alto, uma conversa de janela, o gato do beco no fim da rua retomando o caminho como se nada.

Minha humana volta, pendura a bolsa, coloca água pra ferver. Eu encontro o frango de pelúcia embaixo do sofá, e me sento na janela com ele na boca pra ver a rua se reorganizar lá embaixo. O café já abriu. A mulher das flores já está regando as plantas como se fosse qualquer manhã.

Porque de certa forma é. E de certa forma nunca é.

Daqui a pouco pode ter sirene de novo.

sofá esperando ser redescoberto com o entusiasmo de sempre, e tem uma humana que em um cenário inexplicável abaixou a mão, com a palma aberta, para um cachorro que ninguém queria.

Afinal, nasci num lugar onde os anjos não entram onde há cães. Mas alguém abriu a porta.

E eu entrei.

CRÔNICA – JUVENIL

Nesta seção, apresentamos a obra premiada da categoria **Crônica – Juvenil** da 17ª edição do Concurso Literário Ben-Gurion. O texto selecionado evidencia a sensibilidade e a criatividade de sua autora ao transformar situações do cotidiano em uma narrativa envolvente e reflexiva. A crônica reafirma a força desse gênero literário como espaço de observação, expressão e descoberta, valorizando o olhar singular da juventude sobre o mundo.

PEQUENINO

Hanna Strauss Ostrowiecki

1º Lugar

❦

Em meio à penumbra da noite, cinco adolescentes vagavam sem rumo pela praça abandonada do bairro. Já era noite de domingo, a hora em que a solidão é destacada pelo resto de um dia sem obrigações. A hora em que dá um aperto no peito só de pensar no dia de amanhã. Os cinco jovens carregavam um sentimento persistente de angústia, sendo consumidos pouco a pouco pelo tédio de um final de semana sem sucesso. De repente, eles avistaram um pequeno cachorro que não se sabia nome nem endereço. O pequenino estava observando os meninos de canto, com vontade de fazer parte da brincadeira, mas com vergonha. O mais alto dos meninos fez um sinal para que o cachorrinho se aproximasse, e lá veio ele abanando o rabo e mancando em direção aos 5 amigos.

O mais bonito da turma lançou um olhar em direção ao amigo de indignação, seguido por um sorriso perverso. O pequen tentou se aninhar no pé do menino, mas recebeu um leve chute na costela como resposta. O coitado não entendeu o que aconteceu e olhou para o moleque com um olhar confuso, “o que será que eu fiz?”, pensou. Ele se afastou daquele estranho e foi tentar abrigo com outro menino da turma. Mesmo surpreso com o que o colega havia feito, repetiu a ação por medo de ser chamado de covarde. O cãozinho, mais assustado ainda, cambaleou e caiu de costas, soltando um latido choroso que ecoou na praça, deixando o clima mais tenso. O terceiro jovem decidiu que deveria se juntar aos amigos naquela crueldade, que parecia divertida para eles, e deu um chute um pouco mais forte no cachorrinho. Era possível escutar as risadas vazias e desprezo na voz dos meninos, que fingiam não saber a gravidade da situação, mas nenhum queria ser aquele que vai ”estragar o programa”. Esses Adolescentes patéticos, cheios de permissividade da família, realmente não entendiam o que estava fazendo? Chute após chute. Uma

competição silenciosa que revelava não o mais destemido, mas a crueldade de covardes que, parecendo estar em uma competição, não viam o sangue escorrer pelas orelhas daquele pequeno ser.

Uma hora, os chutes foram silenciados. Mas já era tarde... tarde da noite. E tarde para a bondade e benevolência. O que lhes restou foi a fuga. Tudo ficou silencioso, um silêncio incômodo. Os meninos perceberam a situação, mas nenhum tinha coragem para abrir a boca. Eles encaravam um ao outro e depois olhavam para baixo e viam a cena do que tinha acabado de acontecer. O cão, caído, largado e abandonado no chão. A única coisa que iluminava era o brilho da lua na poça de

nada mais se ouvia.

DEPOIMENTO – ADULTO

Nesta seção, reunimos as obras premiadas da categoria **Depoimento – Adulto** da 17ª edição do Concurso Literário Ben-Gurion. Os textos apresentados preservam memórias, experiências e vivências narradas em primeira pessoa, revelando a força da literatura como espaço de reflexão, identidade e compartilhamento da experiência humana. Cada depoimento convida o leitor a conhecer histórias marcadas pela autenticidade, pela sensibilidade e pelo olhar singular de seus autores.

UMA ILHA DE NOSTALGIA

Hugo Chusyd

1º Lugar

❦

Sou sócio da Hebraica há 45 anos. Cresci dentro do clube. E algumas das minhas recordações mais antigas ainda vivem com enorme nitidez dentro de mim.

Lembro do gramado. Das cadeiras brancas entrelaçadas. Da minha avó Eva sentada em roda com as amigas inseparáveis: Rosinha e Saul, Sarita, Ginete... As velhinhas conversavam durante horas enquanto eu, ainda menino, circulava entre elas sendo mimado, acolhido e cortejado com um carinho que só as avós e suas amigas sabem oferecer.

O gramado continua lá. Mas aquelas rodas já não existem mais.

Lembro dos extintos Carramanchões em frente ao ginásio dos Macabeus, onde eu aproveitava a sombra quando ainda estudava na Escola Maternal.

Lembro também da antiga sinagoga do clube. Pequenina, simples e profundamente especial. Foi ali que fiz meu Bar Mitzvah, seguido de comemoração no icônico Clube 1000. A antiga sinagoguinha deu lugar a outra maior, moderna e bonita. A memória daquele pequeno espaço permanece viva em meu coração.

Lembro da antiga configuração das piscinas, da infantil interligada à semiolímpica, que então tinha cinco metros de profundidade.

Lembro do bar do Pedro, ponto de encontro de gerações de associados, famoso pelos calages, pelos mistos quentes e por um cheirinho inesquecível.

O clube mudou muito ao longo das décadas. E isso é positivo. A Hebraica não ficou parada no tempo. Modernizou-se, cresceu, transformou-se em um clube extraordinário.

Mas há um lugar que jamais precisou mudar, porque já nasceu perfeito, mamish: O Bosque.

Ali existe algo cada vez mais raro em São Paulo: silêncio.

Um silêncio vivo, preenchido pelo vento, pelos pássaros, pelas folhas antigas das árvores frondosas que atravessaram décadas protegendo gerações de associados.

O Bosque não é apenas uma área verde. Ele possui alma

É o refúgio do idoso que procura tranquilidade. Das crianças do maternal que descobrem a natureza. Dos jovens que desejam uma pausa. Do leitor silencioso. Do contemplativo. Do apreciador da sombra. E também, por que não dizer, do autista que encontra naquele ambiente um raro acolhimento sensorial em meio ao excesso de estímulos do mundo moderno.

O Bosque abriga todos sem exigir nada em troca.

Desde que nasci, ele permanece quase intacto. Uma verdadeira ilha de nostalgia. Um dos poucos espaços do clube que preservou seus traços originais ao longo do tempo.

Talvez justamente por isso ele desperte algo tão profundo em tantas pessoas. Porque o Bosque transcende o presente. Ele carrega a memória daqueles associados que já não estão mais entre nós, acolhe a geração atual e, espero, continuará acolhendo também as futuras gerações.

Em tempos de mudanças constantes, existe enorme valor naquilo que permanece.

YITZCHOK C.

PAPAI ROCK N' ROLL

Daniel Henrique Biderman Goltcher

2º Lugar

❦

O ano era 1985. O rock invadia as paradas de sucesso. Shows internacionais no Brasil eram coisa rara. Só algumas poucas bandas e artistas gringos haviam se aventurado em terras brasilis.

Foi então que um mega festival foi anunciado. O nome, Rock In Rio. A cidade do rock na Cidade Maravilhosa. Os comentários eram de que seria o Woodstock brasileiro.

A molecada do prédio ficou toda em polvorosa. Vamos! Vamos! Todos gritavam em frenesi. Eu mesmo, fanatico por rock, fiquei extremamente empolgado. Só tinha um porém. Não passávamos de pirralhos de 14 e 15 anos, sem autonomia alguma para decidir o que deveria ser feito.

No final das contas, ninguém foi atrás de ingressos, passagens, hospedagem e tudo mais o que é necessário para concretizar o tão aguardado sonho. Um bando de garotos que não passavam de contadores de vantagem. Muito blablablá para pouquíssima ação.

Meu pai, um apreciador de música clássica, que havia estudado violino na sua infância e se casado com minha mãe, pianista na juventude, ficou sabendo da minha frustração.

— Você quer mesmo ir? De verdade? — Ele perguntou. — Sim, muito! — Eu respondi.

— Então, vou com você. — Disse meu pai, sorrindo.

Eu não podia acreditar! Meu velho, no auge dos seus 40 e poucos anos iria me levar para um show de rock? Não só um show, mas um festival completo, repleto de roqueiros cabeludos e músicas barulhentas.

Mas vamos lá! Eu é que não seria louco de perder uma oportunidade como essa. Pegamos o leito da noite e amanhecemos em pleno Rio de Janeiro. Ficamos na

casa de primos cariocas que haviam cedido o apartamento enquanto passavam as férias em Petrópolis.

Não vou me prolongar narrando cada detalhe dos shows que assistimos lado a lado, com os pés enfiados até o calcanhar, na lama que se formou após as chuvas torrenciais de verão.

Nomes como Kid Abelha, The B-52´s, Queen, Ozzy Osbourne, Scorpions e AC/DC desfilavam um após o outro, bem diante dos nossos olhos. Bom, quer dizer, nem tão

diante porque exaustos que estávamos, assistimos tudo lá do fundo, distante do agito da multidão.

Nós dois, inexperientes em festivais, chegamos cedo demais ao local, ainda com o sol a pino e voltamos de madrugada com fome e descalços para casa, carregando pares de tênis enlameados nas mãos.

Hoje, exatos 40 anos após a primeira edição do Rock In Rio, meu pai veio a falecer, deixando todos da família perplexos. De uma hora para outra, me vi outra vez de frente para um palco.

Mas agora a música era diferente, os cânticos eram entoados em hebraico ou em aramaico e os holofotes eram todos voltados para o Chazan* e para o Rabino da sinagoga.

Por mais distante que um possa parecer do outro, uma cerimônia religiosa e um festival de rock, de uma coisa estou certo (pelo menos em meu coração). De que toda vez que eu rezo o Kaddish**, meu pai está comigo, bem ao meu lado, para sempre perto de mim.

— FIM —

*Chazan (ou hazzan) é o cantor litúrgico, responsável por conduzir as orações cantadas e guiar a congregação durante o culto.

O MIGUNIT DE R.

Bruna Charifker Vogel

3º Lugar

❦

Chegamos. Lá está o abrigo — não é um abrigo qualquer, como tantos outros que vi por aqui. Esse é o migunit de R. Sua estrutura rígida, branca, pequena, pesada e de poucas linhas retas contrasta com a paisagem ampla da estrada, cercada por natureza sinuosa. Mas o migunit de R. está coberto por adesivos, desenhos e escritos coloridos: preto, vermelho, azul, amarelo. Parecem dar vida a esse lugar de morte, dialogando com o entorno. Ao lado, vejo um soldado israelense parado no ponto de ônibus. Jovem, bonito, mochila apoiada no chão, fuzil cruzando o peitoral. Será que ele é morador do kibbutz? Será que ele conhece a história do migunit de R.? Onde será que ele estava no 7 de outubro? Ele olha para nosso grupo descendo do ônibus. Uma espiada rápida, sem muita curiosidade ou surpresa, e logo mergulha novamente em seu celular.

Nunca tinha escutado a história de R. Claro, sabia que ele havia sobrevivido ao Nova, mas não pesquisei os detalhes. Talvez, (in)conscientemente, eu não quisesse enviesar meu olhar sobre ele ao longo do nosso curso. Um garoto discreto, festeiro e um pouco "avoado", como dizemos em Recife. Sobretudo leve. Sempre tive inveja das pessoas leves — eu sou pesada na vida.

R. começa a falar sobre aquele 7 de outubro. Filetes de lágrimas escorrem por baixo dos óculos escuros de A. Ela é a mais emotiva do grupo, mas sempre se sente um pouco constrangida com isso quando estamos juntos. Não fique, lindeza, tenha orgulho da sua empatia, da sua sensibilidade. Outras pessoas também choram. Alguns se abraçam de lado. Vejo N. fazendo anotações, deve ser para a pesquisa sobre antissemitismo. Ele tenta ser discreto: braços esticados para baixo, caderno na altura do quadril. O que será que sua visão de psicólogo está captando, interpretando, questionando? Percebo nosso guia num pranto contido, braço esquerdo em volta do peito usado como apoio para o direito; dedos da mão direita apoiando a cabeça levente curvada para baixo. Nossa, claro, ele é israelense: mesmo acostumado a levar visitantes ao Nova e mediar conversas com parentes de jovens assassinados, quanta dor ainda carrega! Algumas pessoas tiram fotos do migunit de R. Imagens abertas, zoom em algo que chama a atenção. Será que devo tirar também? Registrar esse lugar para depois mostrar aos meus filhos, minha família, junto com as fotos de Jerusalém, de Tel Aviv, do Knesset, da Machané Yehuda? Não… não quero. Não quero nenhuma tela mediando esse momento. Decido absorver tudo o que meus olhos e meu corpo sejam capazes de gravar na minha alma. Volto minha atenção às palavras de R. Como ele consegue ser assim, leve? Quais fantasmas ainda assombram sua leveza? Tenho vontade de dizer algo. Mas o que se pode dizer a alguém que passou por essa experiência de terror? Sinto muito? Feliz por você ter sobrevivido? Deus te escolheu? Isso não seria injusto com os que morreram? Ou com ele mesmo, uma forma de pressão, um peso incarregável?

Entramos todos no migunit. Somos 17 pessoas preenchendo praticamente todo o espaço. Naquela manhã, eram 40 dividindo o pouco ar que circulava. R. ao fundo, exatamente no local onde passou a maior parte do tempo. 5h aproximadamente,

300 minutos, umas 6 mil respirações? Provavelmente bem menos que isso. Quantas respirações ele precisou segurar para ficar em silêncio? Ou para não sentir o cheiro de suor, de feridas latejantes, de sangue e urina quentes, do cabelo da garota sem vida caída por cima dele? Apneias do medo, do instinto de sobrevivência. Enquanto R. nos conta sobre alguns dos momentos que ele consegue lembrar, coloco as mãos na parede com

ranhuras e marcas de bala. Um gesto institivo, não sou a única. Talvez para sentir algum tipo de energia? Para me conectar com aqueles jovens encurralados, aterrorizados? Olho para minha mão e lembro que dois dias antes ela encostava no Muro das Lamentações. São semelhantes, o Muro e o migunit de R.? Reparo novamente nas fotos, nos cartazes apoiados no chão, nos escritos nas paredes e no teto. Meninos e meninas em poses sorridentes, cheios de vida. Queria tanto saber hebraico para entender o que escreveram ali. Será que são frases parecidas com os papeizinhos que deixamos no Muro? Uma frase consigo ler: a-m-i-s-r-a-e-l-c-h-a-i.

Quando saio do migunit, vejo S. rezando emocionado no local onde empilharam e queimaram corpos. Agora eu também transbordo. Obrigada por rezar por todos nós, digo para ele em voz baixa e me afasto, não quero atrapalhar. Mas o observo por um instante: sidur perto do rosto, orações pronunciadas com kavanah, kipá bordada colorida. O cara mais esquerdista do grupo, tão conectado com a religião… quem

diria? Mas por que isso ainda me surpreende? Alguém sugere um Shemá coletivo. Coloco minha echarpe na cabeça de N. Rezo junto, mas de olhos abertos. Algumas palavras entrecortadas por pequenos soluços. Emendamos num Oseh Shalom, cantado, mais alto, mais forte. Estamos, mais do que nunca, alinhavados. Pouco importam nossas divergências políticas que tanto debatemos por meses. Judaísmo, judeidade, judaicidade são racionalizações insufcientes para tecer a beleza triste desse momento. Aqui, agora, somos todos um só choro, um só coro: ya'seh shalom, ya'seh shalom, shalom aleinu ve'al kol Yisrael!

Voltamos para o ônibus. Uma marcha silenciosa, pensativa, impactada, emocionada. Deve ser assim que as pessoas caminham por Auschwitz. Penso nas histórias e depoimentos de sobreviventes do Holocausto. A imagem de uma pessoa idosa, alguém que poderia ser meu avô ou minha avó. Agora, estou diante de R., mais um sobrevivente de mais um holocausto? Um embrulho diferente no estômago, na alma. R. é jovem. Poderia ser meu filho, tem idade para isso. Uma vontade imensa de abraçá-lo, colocar no colo como uma mãe que acha que pode proteger sua cria. Respirar junto em ciclos completos, sem interrupções. Chorar junto. De dor, de raiva por se saber impotente para apagar o passado. *Que o universo te dê alegria em dobro do que foi capaz de te dar em terror*. É o que consigo dizer para ele, em pensamento, em coração e em lágrimas. Lá, nos campos de concentração, o horror tem cara de velho. Aqui, no migunit de R., o horror tem cara de novo. De novo. *Le dor va dor*?

Créditos

Presidente: Deyvid Arazi

Vice-presidente de Atividades e Esportes: Fabio Wasserstein

Vice-presidente de Estrutura: Marcelo Ariel Rosenhek

Vice-presidente de Relacionamento: Monica Hutzler

Vice-presidente Financeiro: Fernando Gelman

CEO Hebraica SP: Gaby Milevsky

Diretor Cultural: Peter Kaufmann

Diretora 60+: Berta El Kalay

Gerente Cultural/Social: Mônica Baran

Supervisora da Biblioteca: Wanderleya C. C. Steinberg.